

A REGENERACÃO

Semanario defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Composição e impressão na

Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

Chefe da Redacção:— Armando S. C. Encarnação

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

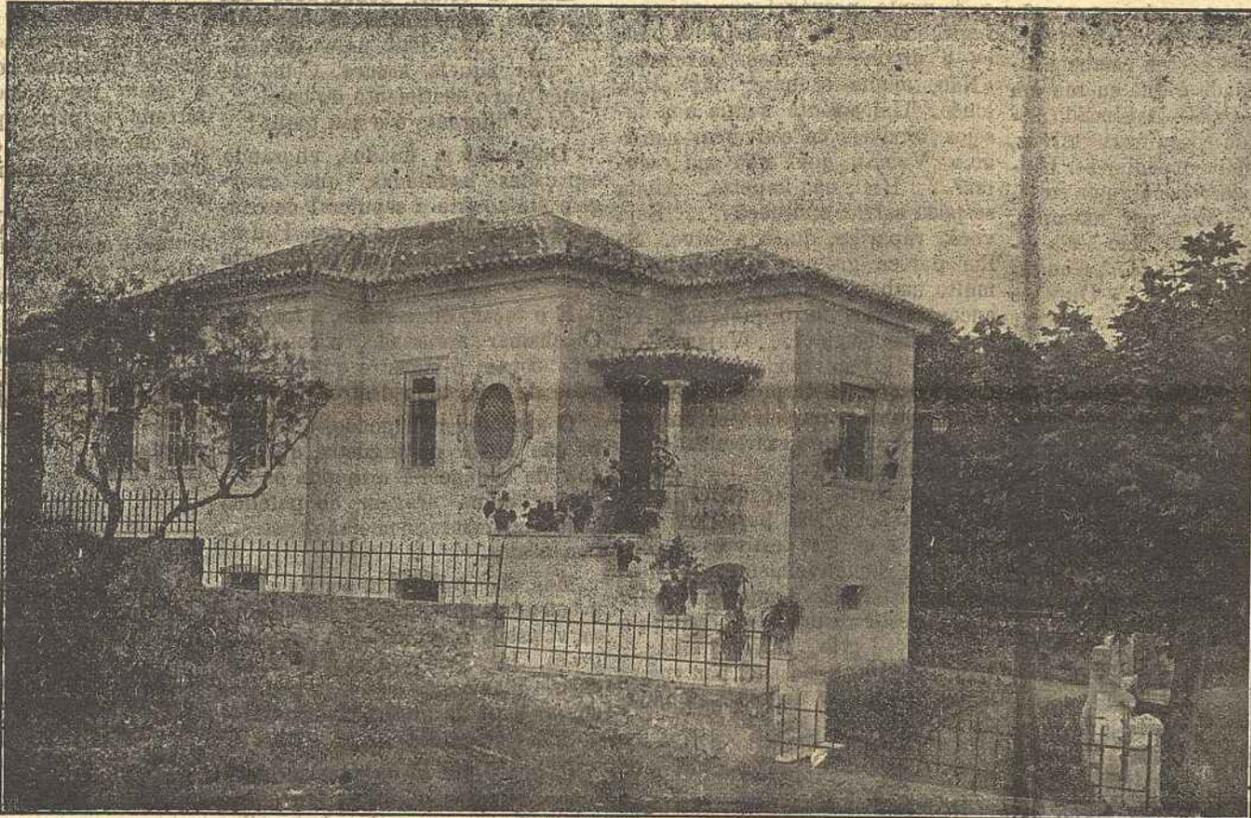
Administração: Tipografia Figueirense

FIGUEIRO DOS VINHOS

Portugal País de Maravilhas

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Tradução de A. S.



Casa do rev. «Padre Arcipreste», na vila, em fino estilo português

Não somente a vila, mas toda a região, constitue um lugar privilegiado para o repouso são e fortificante, para os turistas que se extasiam, na doce paz dos campos, diante das maravilhas da natureza pródiga.

Existe ali — diz o «Guia de Portugal» — um recanto eleito para o repouso e para o passeio.

Os campos são férteis, sombreados pelos pinheiros, os eucaliptos, os castanheiros, as oliveiras.

Numerosas ribeiras descendendo para os vales, transformam-se em múltiplas cascatas irrisadas, cantando num rumor sempre renovado, fazendo mover moínhos primitivos e prósperas fábricas de tecidos.

O Zézere corre, num leito

estreito, numa paisagem de beleza imponente e selvagem.

Há campos de milho no fundo dos vales, vinhedos imensos, castanheiros, cerejeiras e figueiras sobre as colinas que circundam a vila.

Pontes rústicas, lançadas sobre as ribeiras, dão a esta região um aspecto romântico e teatral.

Há encantadoras flôres nos jardins e nos vales e um perfume suave envolve a atmosfera.

Os camponeses cultivam a terra com amor, abrindo as valas de irrigação.

São inúmeras as aldeias espalhadas pelas colinas. E algumas possuem nomes pitorescos, cantantes, que são claro ao ouvido e cuja etimologia é desconhecida, possivelmente

até para os seus habitantes: Aldeia Cimeira, Aldeia Fundeira, Aldeia de Ana de Aviz, Vila de Chão de Couce, Pousa Flores, Lavandeira e tantos outros

Mas não é somente a região maravilhosa que pretendemos descrever que trouxe para Figueiró o justo título de Estância de Turismo.

A vila em si, extraordinariamente desenvolvida e modernizada, nos últimos anos, merece bem uma visita prolongada, pelos seus múltiplos monumentos dignos de interesse e de atenção.

E' asseada e muito arejada, possui um sentido de estética e de urbanização que não é fácil encontrar em muitas outras.

Notam-se ali diversos edifícios de bom estilo erigidos com

um sentido muito profundo de beleza arquitectural entre os quais é preciso mencionar muito especialmente o do «Padre Arcipreste», em fino estilo português, e o «Casulo» do saudoso Mestre Malhóa.

(Traduzido da publicação «Portugal Pays de Merveilles», editada pela Casa de Portugal em Anvers, em Março do ano corrente).

Vêr a notícia sobre o nosso concurso na 2.ª página

Dr. Campião de Freitas

Deu-nos a honra da sua visita na passada semana, o ex.º sr. dr. Campião de Freitas, ilustre advogado e Presidente efectivo da Câmara Municipal do vizinho e progressivo Concelho de Alvaiázere.

Factos & Noticias

Mocidade Portuguesa em Figueiró dos Vinhos

No nosso último número, e sob aquela epigrafe, publicou o nosso jornal, em fundo, um artigo em que se punha em destaque o auxilio, o carinho e a acção que em prol daquela organização têm realizado no nosso concelho os ilustres srs. dr. Simões Barreiros e Tenente Carlos Rodrigues, respectivamente Presidente efectivo e substituto da nossa Câmara.

Seria injustiça, porém, se após ter-se prestado homenagem publica aos dois principais impulsionadores e organizadores da M. P. neste concelho, esquecéssemos aqueles que, embora num plano secundário quanto à parte propriamente official, têm tido papel primacial no êxito daquela instituição no nosso meio, contribuindo com a sua boa-vontade e dedicação, dentro do âmbito das suas atribuições, para o seu triunfo e prossecução.

Queremo nos referir aos preciosos colaboradores que têm sido os srs. Dr. José dos Santos Ferreira Godinho e Joaquim Grinaldi Perdigão, o primeiro como instrutor da educação física e desportiva e segundo como comandante de Castelo.

Para eles, pois, as nossas saudações.

Revista de Inspeção

A revista de inspecção às praças na situação de disponibilidade e licenciadas (classes de 1917 a 1937), residentes no nosso concelho, realiza-se este ano no dia 10 de Setembro, para todas as freguesias, às 8 horas da manhã, nesta vila.

As praças que não tenham em seu poder a caderneta militar e ignorem onde esteja arquivada, devem dirigir-se ao D. R. M. da sua naturalidade a fim de este informar qual a unidade ou D. R. M. que a possa ter em depósito.

As praças que se apresentarem na secretaria do D. R. M. 7 ou no quartel do B. C. N.º 2 em qualquer dos quinze dias que precedem os fixados para a revista de inspecção, das 12 às quinze horas, ou no respectivo concelho, à Junta de Recrutamento, fora das horas destinadas ao seu funcionamento, são dispensados de comparecer nos dias marcados.

As praças que faltarem à revista de inspecção, serão punidas nos termos do Regulamento Geral dos Serviços do Exército.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

QUADROS

AZAR

Ela era loura, esbelta, distinta; tinha uma maravilhosa vez de contralto, uma alma cheia de ternura, um poderoso instinto maternal, e pensava muitas vezes num homem seu ideal, que fosse inteligente, moreno, alegre, forte e amante do lar.

Ele era inteligente, moreno, alegre, forte adorava o lar, e ter-se-ia apaixonado com loucura—se alguma vez a encontrasse—uma mulher que fosse distinta, esbelta, loura, que tivesse uma linda voz, uma alma terna, e, sendo possível, sobretudo, um poderoso instinto maternal.

... Sim, porque eles não se conheciam; jámais se haviam encontrado. Ignoravam-se completamente um ao outro. E se naquele dia viajaram no mesmo comboio, foi porque ele tinha que ir a Cascais e ela ao Estoril, foi uma pura casualidade. O que já não resultou tão casual foi que ele, estando quasi todos os compartimentos vazios, se decidira entrar, precisamente, no que ela ocupava. A verdade é que a viu ao passar, sentada junto da janela—esbelta, loura, distinta—e já não adiantou mais um passo. Entrou com ar indiferente, fez uma ligeira inclinação de cabeça, tirou o chapéu e sentou-se... e observou com grande satisfação que assim, mais de perto, a viajante lhe agradava mais do que quando a vira no passeio.

E já, postos a relatar com fidelidade, teremos que confessar que a ela também havia produzido uma gratíssima impressão aquele inesperado companheiro que lhe parecia, moreno, alegre, forte... Quando o comboio começou a arrastar-se lentamente, levando os dois dentro de si, já cada um ia curioso e distraído, pendente um do outro. Os seus pensamentos eram, naturalmente, incoerentes, superficiais, vagos, fundados em uma única base que podia prestar-lhes o facto de ser ela elegante e distinta, e ele, moreno e robusto. Porque o resto—não o deveres esquecer—não o sabiam... Oh! se o tivessem sabido...!

E assim passaram as primeiras estações. Paço de Arcos, Santo Amaro... Ao chegar a Oeiras, um e outro se sentiam um pouco enervados pela situação.

Decididamente, amavam-se; porém, que fazer? Nem ela queria começar a sorrir-se e a insinuar-se àquella senhor totalmente desconhecido, cujos olhos se cravavam com insistência nela, nem ele podia atrever-se a abordar cínica e brutalmente aquella altiva rapariga que

nem sequer o olhava. E, no entanto, os dois iam pensando: "Que massadal, ... Oeiras... Estoril, ...

O viajante moreno lançou um angustioso olhar em sua volta... Nadal...

Nem uma mala que caira da rede, nem uma janela que se abrira estrepitosamente; nem um cigarro, entre os dedos delgados, que ele se tinha precipitado a acender. Demais ele tampouco fumava! Nem sequer tinha cigarros.

E isto, de momento, lhe pareceu o mais grave erro de toda a sua vida. Se eu fumasse! Pensou, desconsolado... Subitamente, a sua face iluminou-se num sorriso. «Sim, fumar! Na próxima estação compraria tabaco, acenderia um cigarro—e previamente havia perguntado sorridente e cortez: «Incomoda o fumo?»—Depois...

Os pensamentos dela eram um pouco menos optimistas, porque sabia que ia ficar na próxima estação e pensava que aquele comboio corria como nunca correu comboio algum. «A verdade é que eu sou um pouco tola—dizia—Demasiado seria, demasiado orgulhosa talvez. Porém não podia remediar-se. Únicamente, se occorresse alguma coisa, sem querer... Sim, por exemplo, deixar cair a mala... Não seria difficil... Ele apanhá-la... e eu teeria que lhe agradecer...» Durante largo tempo, a delicada rapariga pensou laboriosamente o seu plano: primeiro fingiria tirar o espelho; logo depositaria negligentemente a mala sobre os joelhos; depois cruzaria uma perna sobre a outra, sem reparar, a esquerda sobre a direita, exactamente para que fosse cair do lado d'elle... E, emfim! a viajante foi realizando o seu programa. Mas apenas a mala tocou no chão, quando um terrível pensamento atravessou, com a rapidez do raio, a sua mente. «Vai pensar que a atirei para que ele a apanhe...» E com tal celeridade se inclinou então, apanhando-a ella própria, que o pobre rapaz surpreendido, não teve materialmente tempo, de esboçar o mais ligeiro movimento. Entretanto, uma frágil figura invisível—talvez um bom anjo do Azar—agitava-se e corria presurosa, dum ao outro, incitando sem cessar: «Vamos, torpes, que fazeis?—gemia desolada—Não vêdes que estais deixando fugir a sorte... Um gesto, um só gesto! uma palavra, e as vossas vidas ter-se-iam encontrado para

sempre. Sereis felizes, como jámais alguém o foi sobre a terra. Nasceriam do vosso amor prodigiosos meninos; inteligentes, bons, belos, fortes...

Seres de selecção entre os seres. Nunca saberíeis o que é um desgano...

Ah, rotineiros, cegos!... E' só um gesto um pequeno gesto e não o fazeis!

Para quê, mais janelas que se fecham repentinamente, e que nenhum dos dois tenha tabaco, e que as vossas imaginações não vos surgiram nenhum pretexto razoavel? Inventai qualquer coisa de absurdo. Na vida, o absurdo tem, pelo menos, tantas probabilidades de vencer como o razoavel. Até aqui ninguém se tem querido convencer. Por exemplo, tu que és homem e deves comprehender a iniciativa, porque não te levantas e comesças a dançar muito sério, no meio da carruagem? Ela olhar-te-ia assustada, e é muito provavel que quisesse fugir. Então, tu, acabarias a dança e dir-lhe-ias, respeitadamente: «Não, minha senhora; não estou louco. Únicamente sentia uns desejos terriveis de conversar consigo.» Vamos, quê, não me escutas?... Bem; não importa. Ainda se pode salvar a situação... Seja você, rapariga, quem a salve. Se lhe parece grotesco o do baile—muito embora isso seja o menos—encontraremos outro qualquer. Alguma coisa original... Vejamos... Você é jovem, moderna, seguramente praticará desporto e ginástica... Que lhe parecia dar um salto, pendurar-se na extremidade das rédes e deixar balancear ligeiramente, suavemente, no ar a sua silhueta esbelta?... Não passariam dois minutos sem que estivessem conversando amigavelmente. E isto que importa? Não compreendesteis? Nesse gesto absurdo encerram-se o amor, a alegria, a vida feliz... Passa agora a occasião por vossas mãos... Não a deixeis..., não a deixeis passar!

.....

Porém a voz misteriosa não pôde penetrar em seus ouvidos. E quando o comboio parou no Estoril, ella levantou-se com indelevel aspecto de fastio e desceu para o passeio.

Nunca mais se voltaram a encontrar.

FERNANDO DINIZ

O nosso concurso AGUA MOLE

Reparos

Durante mais 15 dias receberemos sugestões para o nosso concurso, sendo já numerosas as que se encontram na nossa redacção.

Os prémios atribuidos a esta primeira parte do nosso concurso são os seguintes:

Se a sugestão apresentada pertencer a um homem, uma camisa de seda, no valor de 60\$00, oferecida pelo conhecido comerciante desta vila sr. Gustavo Coelho Godet.

Se pertencer a uma senhora, uma cólchia de seda, no mesmo valor, oferta do conceituado comerciante desta vila sr. José Pedro dos Santos.

Concorram, pois, que ainda estão a tempo e os prémios não são para desprezar.

OS SINOS

Eles lá estão, pendurados nos solitários campanários de brancas capelas, qual única mancha de toda aquella alvura. Como me despertam o sentimento do bello... Como diferente é o seu toque!

Dobrando a finados, chorando espaçadas badaladas, que emergem até ao frio e sepulcral desca-so eterno, lembrando um Padre-Nosso pela beleza em pó, jazente ali.

E o tocar, dilacerante, a fogo?—O chamar apressado, o convite à luta contra o monstro que em linguas de fogo tudo destrói.

O seu tanger magoado, a sua vibração cheia de angústia, que enche de melancolia e inunda os corações duma aragem de patético acabrunkamento, como são tristes... tam tristes.

Mas, eis agora!... Repenicam alegremente mil trindades festivos, num nervosismo e contágio de alegria e graça. Já não é aquella mágoa, escura e plangente, nem tam pouco o chorar a perda dum filho arrebatado à Natureza Mãe.

E' um toque cheio de alegria de pleno encanto. E' uma flôr ainda em botão, que vem ali pelo orvalho do Baptismo, pela rega de Jesus.

E' o enlace daqueles que numa vida nova, numa ambição tam sublime se unem para todo o sempre, por um anjo de amor.

Que toques tam diferentes... "Sota,

Um estrangeiro abeirou-se de mim numa das ruas de Lisboa e perguntou-me onde era a praça do Comércio. Dava-lhe as indicações necessárias quando o bando carnavalesco dos toiros passou por nós ao som de pouco afinados cornetins.

Na sua terra também havia uma época do ano em que os moradores vinham para fóra de casa tocando trompa, disse-me o estrangeiro, e quiz saber o que significava entre nós aquilo. Como o convidasse a falar primeiro, elle explicou ser do Tirol, e disse que a festa annunciada ali com alegres toques de trompa era a chegada das andorinhas.

Pesorosamente explicámos ao homem que entre nós a chegada das andorinhas passava despercebida a quasi toda a gente e o que merecia as honras de ser annunciado publicamente com toques de cornetins era o martirio e não raro o sacrificio de prestantes animais em logares fraaqueados ao publico a preços elevados, quasi inacessiveis.

—Então, contrapós elle, aqui não se punem os maus tratos exercidos contra os animais?

—Os que são levados a efeito nas ruas, punem se; aquelles porém que se executam *com arte*, levados a efeito por homens de posição e fortuna e pagos pelos assistentes que os aplaudem, esses louvam se, consagram se mediante condecorações reluzentes...

Que contrastel! Que miséria intellectual e moral o país se compraz em alardear publicamente! Nem ao menos repara que, na impossibilidade em que julga estar de suprimir tais vergonhas, podia ao menos eliminar todas as manifestações exteriores e ruilosas dessas faltas de educação e de correccão de maneiras—e de costumes...

Luiz Leitão

Dr. Marques Pereira

Tivemos o prazer de cumprimentar na passada semana nesta vila, o ex.mo sr. dr António Marques Pereira, distinto médico municipal no vizinho concelho de Pedrogam Grande.

Carlos da Silva Feitor

De visita prolongada encontra-se entre nós acompanhado de sua esposa e gentil filha, o sr. Carlos da Silva Feitor, commerciante na Beira, Africa Oriental nosso presado amigo e assiante:

ANA MARIA CONTO

por Rafael Trindade

A pesar da independência de que dispunhamos, cada vez mais apertavam os elos que nos prendiam e que, portanto, a desmentiam. Raras vezes ella saía sem mim, e raras vezes também, entrava só. Iamos algumas noites ao cinema ou ao teatro, ao domingo saíamos a passear para o campo, ou para uma praia próxima. Mas, ambos gostavamos de passar a noite conversando e lendo na sua saleta de paredes forradas a papel escuro. Dia alegre, o dos seus anos!

Como de costume, fui esperá-la. Chovia torrencialmente e nós caminhavamos muito juntos mal resguardados pelo seu guarda-chuva

pequeninno. Levava o meu braço enfiado no dela o que me produzia uma sensação suave e agradável. Os conhecidos, olhavam-nos de modo exquisto, sem suspeitarem da felicidade que nos estava invadindo nem do poema que eu estava lendo nos olhos meigos, negros e penetrantes da minha amiga.

E como ella estava contente!

Quando entramos em casa, na sala de jantar ardiam já as vinte e uma velas do bôlo de anos que occupava o centro da mesa. Ao lado do seu talher, um embrulhito insignificante, tão insignificante que nem reparou nêlo.

Separamo-nos para mudar a rou-

pa. Quando voltei, lançou-se a mim num abraço apertado a transmitir à minha alma todo o perfume da sua. Que bem lhe ficava o collar a realçar o mate da pele do seu pescoço!

Durante esse jantar, as sensações sucederam-se, sempre novas, a prenderem-nos cada vez mais. No final, notei que o champanhe a toldara levemente. Falava muito, muito, e, nunca um olhar dos seus me causara tanto medo e tanta confusão. Acendi um cigarro, comecei a fumar-lo e ella também quiz.

Primeiro tossiu, depois chorou e por fim riu perdidamente.

Não, não podia — e atirou-o ao cinzeiro.

Estava uma atmosfera viciada com cheiro a doce, a vinhos, a vapores varios. Fômos para a saleta. Sentei-me no sofá, enquanto ella à minha frente, gesticulava, toda ruborizada, fazendo projectos gran-

diosos de vestidos, de joias, de riquezas.

Nunca a vira assim, mas achei a encantadora.

De repente, ficou muito séria, veio curvar-se à minha frente, collocou as suas mãositas levés nos meus ombros e perguntou-me:

— O Luiz é feliz?

— Sou. Porque não hei-de ser?

— Mas muito, muito?

— Sim muito. Quem o não será a seu lado!

— Ah! Acha? — e a sua boquita estava já muito perto da minha — E... porquê?

Olhei bem para ella. Nesse momento, atravessou-me um pensamento. Mas, não, a Ana Maria não podia pensar tal. Se ella era tão bôa! Atrair-me, não!

E, como me conservasse calado, continuou:

— Eu adoro-o... como uma boa irmã.

Um véu de tristeza toldava-lhe o rosto.

E, foi debruçar-se na janela.

Eu, calado, contemplava aquella Ana Maria desconhecida, aquela Ana Maria tão adorável como a outra — a boa irmãzinha como pe- dia lhe chamasse eu...

Um mosquito, atirava-se às ce- gas de encontro à lampada produ- zindo um rúido irritante que se confundia com o resfolgar da Joa- quina, vindo da cozinha, onde ella de cabeça tombada na banca pe- ja-da de louça e embalada pelos va- pores alcoolicos se deixava trans- portar a reinos fantásticos onde, uma vez por outra, gostava de dar o seu passeio. No quarto pegado — o da Ana Maria — o relógio deixava escapar as 10 horas.

(Continua)

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS (2.ª Publicação)

Faz-se saber que no dia 18 de Junho próximo, pelas 12 horas à porta do Tribunal Judicial, desta comarca sita ao Convento do Carmo desta vila, vão á primeira praça para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado os prédios abaixo descritos e penhorados nos autos de acção de extracto de factura que Francisco Rodrigues Ferreira, comerciante desta vila move a Victor António Pinto e mulher, residentes em Aljustrel.

O direito e acção a uma sexta parte de uma terra de sementeira sita ao Val das Colmeias. Vai á praça no valor de quatrocentos e cinquenta escudos 450\$00

O direito e acção a uma sexta parte de uma terra de sementeira com mato e pinheiros sita ao Catrapeiro. Vai á praça no valor de quatrocentos escudos 400\$00

O direito e acção a uma sexta parte de uma terra de sementeira com mato e pinheiros. Vai á praça no valor de quatrocentos escudos. 400\$00

Para a praça são citados quaisquer credores incertos.

Figueiró dos Vinhos, desanove de Maio de 1939.

O chefe da 1.ª secção Jaime Ribeiro Sucena Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito, Themudo Machado

Edital

O Doutor Manuel Simões Barreiros, médico-cirurgião pela Universidade de Coimbra e Presidente da Câmara Municipal do concelho de Figueiró dos Vinhos:

Faz publico que, de harmonia com a deliberação tomada em Reunião Ordinária da Comissão Administrativa da sua Presidência, realizada em 31 do corrente, foi deliberado abrir 2.ª praça pelo espaço de vinte dias, a contar da data do presente edital, para o praso do concurso para a construção da Estrada Municipal de Arega à E. N. n.º 55-2.ª, de harmonia com o disposto no § 2.º do Art.º 303 do Código Administrativo.

As demais condições e caderno de encargos, continuam patentes na Secretaria da Câmara, em todos os dias uteis das 11 às 17 horas.

Para constar se lavrou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais publicos e do costume. E eu, Armando Carvalho da Encarnação, Chefe da Secretaria da Câmara o subscreevo. Figueiró dos Vinhos e Câmara Municipal, 31 de Maio de 1939.

O Presidente da Comissão a) Manuel Simões Barreiros

Edital

Albertino Pires Antunes, Engenheiro-chefe da 2.ª Circunscrição Industrial.

Faço saber que a Vacuum Oil Company pretende licença para instalar um Depósito subterrâneo de gasoína com a capacidade de 5.000 litros, com bomba automedidora na Praça Central José Malhoda, freguesia de S. João Baptista concelho de Figueiró dos Vinhos distrito de Leiria.

E como o referido estabelecimento industrial se acha compreendido na classe 2.ª da tabela I anexa ao regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.º 8364, de 25 de Agosto de 1922, com os inconvenientes de perigo de incêndio.

São, por isso e em conformidade com as disposições do mesmo decreto, convidadas todas as pessoas, interessadas a apresentar, por escrito, na 2.ª Circunscrição industrial, com sede em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira n.º 111, as reclamações que julguem dever fazer contra a concessão da licença requerida, no praso de 30 dias, contados da data deste edital, podendo na mesma Re-partição ser examinados os documentos juntos ao processo n.º 6639.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, 25 de Maio de 1939.

O Engenheiro-chefe Albertino Pires Antunes



ANTI-MAGNETICO GARANTIDO CONTRA ACIDENTES



Consertam-se objectos de ouro, prata relógios grafonolas etc Preços sem competência

A' venda na Relojoaria de Joaquim Marques Fouto Praça José Malhoda

Variado e grande mostruário em relógios de parede, bolso, pulso e despertadores

Nova Carreira de Camionetes

ENTRE

Cabaços e Coimbra

Diária (Excepto aos Domingos, dia de Natal, Ano Novo e Terça-feira de Carnaval)

Inaugurada no dia 4 de Outubro de 1937

Horário e itinerário

CABAÇOS	(partida)	COIMBRA	(Partida)
Vila Nova	6.45	Pereiros	16.35
Alvaiázere	6.53	Portela do Gato	16.40
Barqueiro	7.00	Chão de Lamas	16.50
Vendas de Maria (Ramal para Maças de D. Maria)	7.20	Podentes	17.10
Chão de Couce	7.30	Boiça	17.20
Pontão	7.40	Ponte do Espinhal	17.25
Tojeira	8.00	Venda das Figueiras	17.30
Venda das Figueiras	8.03	Tojeira	17.50
Ponte do Espinhal	8.10	Pontão	17.57
Boiça	8.30	Chão de Couce	18.10
Podentes	8.35	Vendas de Maria (Ramal para Maças de D. Maria)	18.20
Chão de Lamas	8.40	Barqueiro	18.30
Portela do Gato	8.50	Alvaiázere	18.40
Pereiros	9.10	Vila Nova	19.05
COIMBRA	9.15	CABAÇOS	19.12
	(chegada) 9.30		(chegada) 19.20

P. S. - Desde 16 de Maio a 30 de Setembro, sai a carreira de Coimbra, meia hora mais tarde: Esta carreira recebe pela manhã, no Pontão, passageiros que se destinem a Coimbra, vindos de Castanheira de Pera, Pedrogam Grande e Figueiró dos Vinhos, nas carreiras que se destinam a Lisboa

Paragem em Coimbra, na Auto-Garage, (junto à Estação Nova do C. de Ferro) — Telefone 701

Os Proprietários, 24-19

A. J. ALVES & C.ª
Maças de D. Maria



Alberto J. Portela Figueiró dos Vinhos Confeção de fatos para homem e senhora Perfeição e bom acabamento - Aceitam-se to pelos últimos figurinos aprendizes

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Alfonses António da Conceição Pombal :: Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragens, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção Artigos sanitários—Tubos de ferro, grês e de fibro-cimento

Agente-depositário de: Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE TAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-10 - Os melhores preços -

FARMÁCIA CORRÊA

Especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras. Aguas minero medicinais. Esterelisação de pensos, empolas e sóros. Produtos especializados: Elixir de nucleína composto, Vermífugo e Pomada de salicilato composta

Largo da Praça

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

FAUSTO SERRANO

Médico cirurgião da Casa do Povo

Residência — CAFÉ CENTRAL

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Abilio da Conceição Rodrigues Advogado Castanheira de Pera Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras até ao meio dia

Joaquim J. Fernandes Medico Municipal

Clinica geral Doenças das crianças Figueiró dos Vinhos

Vende-se Um prédio composto de lojas e 1.º andar onde se encontra instalada uma padaria com o respectivo alvará e licença de laboração, na rua dr. Simões Barreiros, desta vila. Para tratar com Cunha, Ramos & C.ª — Rua Sargento Mor 14 a 24—Coimbra.

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES DOENÇAS DA BOCA E DENTES — DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos Fechado temporariamente

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Vende-se A quinta do Minhoto, ao Ribeiro Travesso e um prédio de casas na rua do Carmo, desta vila. Quem pretender dirija-se a esta Redacção.

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS (2.ª Publicação)

Faz-se saber que no dia 18 de Junho, pelas onze horas à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sita ao Convento do Carmo desta vila vai á praça o direito e acção á quinta parte da herança indivisa dos seguintes prédios abaixo descritos para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado e penhorados nos autos de execução de sentença que Manuel Martins, casado, do Carregal Cimeiro move a Albano da Silva e Maria Augusta Alves e marido do mesmo lugar.

Uma casa de habitação com seus logradouros sita ao Porto Carro, limite do Carregal Cimeiro

Um prédio de rega com vadeiras no sítio do Porto do Carro, limite do Carregal Cimeiro.

Umás casas, terreno de rega, pinheiros e mato, ás brazinas limites do Carregal Cimeiro.

Uma testada de mato á Tapa-da limite do Carregal Cimeiro.

Testada de mato ás Costinhas limite do Carregal Cimeiro

Uma sorte de mato sita á Sobreira, limite do Carregal Cimeiro.

Uma sorte de mato sita á Trapa limite do Carregal Cimeiro, direito e acção este que vai á praça no valor de mil quinhentos e cinquenta escudos. 1.550\$00

Para a praça são citados quaisquer credores incertos.

Figueiró dos Vinhos, 18 de Maio de 1939.

O chefe da 1.ª secção Jaime Ribeiro Sucena Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito Themudo Machado

Tonel Vende-se de 170 almudes em bom estado Informa Manuel Simões Fidalgo Figueiró dos Vinhos.

DE PALANQUE

Ser livre, eis a grande felicidade!

A ânsia da liberdade obriga aos maiores sacrifícios e a heroidades únicas.

Cândido de Figueiredo, definiu assim a palavra liberdade: «Condição do homem que pode dispor de si ou que não é propriedade de outrem. Poder de fazer ou deixar de fazer qualquer coisa. Faculdade de praticar tudo aquilo que não é proibido por lei. Conjunto de direitos, garantidos ao cidadão pela lei fundamental do Estado, etc., etc.»

Em síntese a liberdade é aquela antiga e sempre actual parte do Decálogo divino: «Não fazer aos outros o que não desejamos que nos façam». Na prática deste preceito encontramos a possível felicidade que o ser livre ambiciona.

Diz o Cancioneiro: — «Liberdade! Liberdade! quem a tem chama-lhe sua...»

A verdade, porém, a dura verdade é que a liberdade é como a saúde, só se aprecia quando se perde e então para a recuperar a imaginação não pára um momento para descobrir o meio de a recuperar. São aos milhões os casos descritos e operados por outros tantos que por ambição, por infelicidade, por... sabe-se lá porquê, a perderam!

São de todas as raças e de todas as épocas os dramas mais complicados dos que perderam esse bem, sem par, que tanto tem impressionado a Humanidade e que tem dado lugar a muitas centenas de volumes que pejam as estantes.

Ainda há pouco lemos nos jornais de grande circulação a odiseia dum forçado português que em Africa sofria a pena do cativo e que, com a devida vénia transcrevemos de «O Século»:

«Em 1929, foi preso e degredado para Luanda, por entregar-se à vadiagem, Aurélio Pereira da Silva, padeiro, de Oliveira de Azemeis, que hoje conta 27 anos. Depois de permanecer seis anos na fortaleza daquela cidade, foi enviado para a colónia penal correcção do Huambo, donde se evadiu, em Março último, no propósito de voltar, clandestinamente, à metrópole. Através de densos matagais, sob um sol ardente e correndo, muitas vezes, o risco de ser atacado pelas feras o Aurélio fez, em quinze dias, o percurso de cerca de 500 quilómetros, que separa aquele estabelecimento da capital de Angola. Eram os pretos que lhe mitigavam a fome e ensinavam o caminho. Uma vez em Luanda, alguns amigos, forneceram-lhe, a ocultar, vestuário e calçado, e, quando o paquete «Niasa» parou no porto, introduziu-se a bordo e escondeu-se numa baleeira.

O navio levantou ferro, com o rumo a Lisboa e, só perto de Dakar, foi descoberto o passageiro clandestino, para o que muito contribuíram a fome e a sede que o torturavam, pois os seus mantimentos, que se limitavam a um pacote de bolachas e uma garrafa de água, haviam-se esgotado, ao cabo de três escassos dias de viagem. Chegado a Lisboa, caiu novamente nas garras da polícia.

Tanto sofrer para ser um cidadão livre e afinal...

A Voz das Fontes

*Nas nossas aldeias ao luar,
quando ha em tudo uma carícia alada,
as fontes choram nessa voz maguada
de quem só maguas tem para chorar...*

*Correm flos de prata de vagar,
e misteriosa, doce, enamorada,
vão lá saber que alma apaixonada
não anda em tal poema a soluçar...*

*A voz da fonte que parece infinda
e tem um ritmo singular e frio
suspende o choro algido e tristonho,*

*se junto dela vem, gracil e linda
uma morena de pisar macio
que traz nos olhos um clarão de sonho...*

Jorge Ramos

Coisas que não estão certas...

Tenho visto com interesse em todos os quotidianos, este título simpático, tendente a mostrar aos leitores, que de facto na vida corrente muitas coisas se passam, que seriam impeditivas, se houvesse a mais pequena lógica nuns casos, ou civismo noutros.

Dentro da Aviação, evidentemente, a segunda não tem razão de merecer reparos, porque o nível intelectual que subordina a Aeronáutica não permite tão baixos deslises.

E' do ar que observamos e vemos objectivamente...

Ai das organizações aéreas que tiverem, como soa agora dizer-se, uma «tomada de vistas» em sentido inverso.

O que é uma infeliz realidade porém é que muitas coisas não estão certas dentro do meio Aeronáutico.

Será ousadia, petulância ou talvez ingenuidade formular certas perguntas? Não cremos! Supomos antes que é interesse e tão grande como enorme é o nacionalismo que nos inspira!

Seria realmente interessante querer saber a razão porque há aviões de guerra, recentemente adquiridos, que não voam e envelhecem nos hangares.

Por o material ter deficiências, que demandou, logo após a recepção, revisões ou substituições e arranjos?

E' possível Ignoramos por andarmos arredios do assunto.

Será por falta de combustível, estritamente necessário para os pilotos habilitados e especializados no estrangeiro e no País terem o treino considerado minimo indispensável?

Talvez! Desconhecemos porém se é essa a razão!

Podemos justificar tal facto por falta de pessoal, capaz de arrancar do fundo dos hangares, onde estão criando teias de aranha e uma «patine» muito digna e necessária para entrarem em museu, esses aviões que tanto custaram ao Estado?

A resposta continua a ser dum grande dificuldade para o artífice.

Faltarão mecânicos e outro pessoal para a conservação do material adquirido? Quanto a isso respondemos já afirmativamente. E vamos mais longe.

Sem um treino eficiente e metódico, também não podemos ter pilotos.

Só assim conseguiremos ver eliminada a 3.ª questão.

Mas esta é função de qual? Da dotação de gasolina atribuída a cada piloto ser insuficiente? Infelizmente assim é, como de resto, a origem de muitos desastres se baseia na falta de treino proveniente de cada piloto só poder voar um certo número de horas, o que deve ser variável, conseqüente o tempo de serviço aéreo, a habilidade profissional e tantos outros factores.

E não são só os pilotos que interessam, pois que para esses, muitas vezes a intuição, a habilidade, a facilidade de adaptação e outras

condições intrínsecas, suprem em parte a falta de treino.

Mas improvisar rádio-telegrafistas, bombardeiros e metralhadores experimentados em vôo, e que realizem cabalmente a sua missão, é que não é possível. Para esses essencialmente é que faz sentir-se a falta de treino. Os pilotos ainda podem, como actualmente sucede, irem entretendo-se nas avionetas ou nos estafados e arcaicos aparelhos fazendo as provas e as horas de vôo que lhe facultem o subsídio de vôo. E' claro que se inutilizassem um dos modernos aparelhos de valor militar, não se lhe poderia levar muito à palma tal facto.

Serão eles de facto responsáveis? Sinceramente cremos que não. O contrário só demonstra qualidades profissionais e que saíram da Escola Prática de Aeronáutica aviadores a sério.

Há tempos, no estrangeiro, um elemento de uma missão de aeronáutica perguntou qual era a verba atribuída àquela unidade para gasolina e óleo. A cara de espanto do interpelado foi tal que escusava a resposta. No entanto, ela não se fez esperar: nós aqui gastamos o que é preciso.

Evidentemente, não pode a economia do País comportar um excessivo dispêndio de combustível e pensar exclusivamente na Aeronáutica em detrimento das outras armas.

Mas sem treino não poderá haver aviadores de verdade.

O sacrifício para o Estado e para a Nação é grande, mas só assim de facto poderá haver uma Aviação de verdade.

Quem velará na hora presente mais directamente pela integridade dum País ameaçado, considerando-o em todo os elementos: Terra, Mar e Ar?

A Aviação indiscutivelmente.

Forçoso por isso, se torna dar-lhe meios para que os aviadores de Portugal possam nobremente corresponder à confiança que nêles depositam o País, os dirigentes, nomeadamente Salazar, a quem a Aviação tanto deve, e a propria segurança da Metrópole e das Colónias.

E' preciso, pois, que as unidades militares aéreas de efectivo valor, sobrevoem a imensidade dos nossos céus de aquém e de além-mar, velando cuidadosamente pela segurança da glêba e da grei.

Que a nossa aviação não sirva só para paradas...

Treino para os pilotos, dotação de combustível para o material, e pessoal habilitado para a conservação deste, eis o que é preciso.

O resto não está certo!

NOTA—Este artigo, que transcrevemos com a devida vénia do n.º 20 da «Revista do Ar», relativo ao mês de Maio, veio confirmar uma opinião que já por várias vezes expendemos e a qual, pessoas que se julgam superiores e infalíveis, acolham com irónicos sorrisos senão com a afirmativa de que ela resultava de uma maneira de ver as coisas bastante pessimista e até tendenciosa...

Felizmente que a «Revista do Ar», já pela competência técnica dos seus redactores, já pelo seu cunho acentuadamente nacionalista, está superior a qualquer insinuação torpe por parte daqueles que não tendo argumentos com que rebater os factos, procuram por caminhos invidiosos a justificação de «coisas que não estão certas...» e que será bom remediar quanto antes.

Banquete de homenagem

Por motivo da sua transferência para a Tesouraria da Fazenda Pública de Vila Nova da Barquinha, foi oferecido ao nosso estimado amigo e assinante sr. Miguel Bernardo Rodrigues Costa, um banquete de despedida em Alter do Chão, que se realizou no transacto sábado no Club Alterense.

Inscreveram-se quarenta e cinco pessoas das de maior representação no meio, tendo o homenageado sido alvo dum carinhosa festa.

Entre outros assistiram os srs. Presidente da Câmara e vogais efectivos, funcionários da Câmara, de Finanças e da Federação dos Trigos, e os principais proprietários da terra.

Usaram da palavra os srs. dr. Olimpio Murta, dr. Joaquim Quina Analecto, José Cruz Quina Calado, José Príncipe Quina Analecto, Henrique José Teixeira e José Monteiro Vaz Rato, enalteçando a figura do homenageado, que no final agradeceu visivelmente comovido.

Até à estação do Crato formou-se um acompanhamento de seis automóveis, tendo o sr. Miguel Costa uma despedida afectuosíssima.

Cumprimentamos aquêlo nosso amigo, desejando-lhe que na Barquinha encontre as mesmas felicidades.

Manuel António Alves

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta Vila o ex.º sr. Manuel António Alves, digno Director dos Serviços dos Correios e Telégrafos na Província da Beira Litoral, nosso particular amigo e assinante.

Francamente, valia a pena experimentar se o podia ser já.

—Parece anedota, mas dizem os jornais. Em Matozinhos, foi multado, por transgressão, um comerciante, em 835 contos que não pagou. O juiz notificou-o de que se não pagasse no prazo estipulado, seria a multa convertida em prisão à razão de 10\$00 por dia ou sejam 228 anos e 280 dias de cadeia.

Assim, a curiosa mecânica dum conversão de pena pode levar um indivíduo a ser condenado a mais de 200 anos de prisão. O que se não conseguirá, porém, é obrigar, seja quem fôr, a cumprilos!

Ulysses Junior

Noticias de Coimbra

Queima das Fitas — Como tínhamos previsto, as tradicionais festas académicas da «Queima das Fitas» que se realizaram nesta Cidade de 24 a 27 do mês findo atingiram um brilhantismo e animação desusados. O Cortejo Alegórico de 27 deu por terminadas as Festas. Alegria, mocidade, vida, eis os três fulcros à volta dos quais rodaram as festas.

O Baile das Quatro Faculdades realizado no ginásio do Liceu D. João III constituiu uma noite que não mais esquecerá aquêles que tiveram a felicidade de a êle assistir; o Sarau de Gata realizado no Teatro Avenida foi de facto um formidável serão de arte, etc... Mas ai leitor, as festas da bonga acabaram e agora... eis-nos naufragados na ciência a ver se os Mestres nos salvam... com a velhinha aprovação.

Tempo — Tem feito nesta Cidade um tempo bastante irregular, registando-se às vezes fortes bategas de água acompanhadas de violenta trovoadas.

Na Faculdade de Medicina — De 29 de Maio a 6 do corrente vem-se realizando na Faculdade de Medicina o II Curso de Férias que tem despertado grande interesse, atendendo ao elevado número de inscrições. Neste Curso, cuja inscrição era gratuita, estão inscritos muitos médicos e alunos da nossa Faculdade do 4.º e 5.º ano. Os trabalhos apresentados foram todos ouvidos com o máximo interesse.

Exames — Os exames da Faculdade de Medicina principiam já no próximo dia 12. Já estão marcados para então os de Anatomia Patológica e Patologia Geral, Medicina Operatória e Patologia Cirúrgica, etc...

Romaria de Santo António — Com a mesma frequência dos anos anteriores realizou-se na semana de 27 a 5 do corrente esta popular romaria, tão portuguesa e tão típica.

Quem não veio tilintando a campanha de barro ali comprada, só tu, leitor amigo, que vives lá longe.

Chegados de Africa — Vindos da Cidade da Beira cumprimentamos nesta cidade no dia 6 do corrente o conceituado comerciante dali sr. Carlos da Silva Feitor que se fazia acompanhar de sua esposa e filha.

Vieram à festa... — Tivemos o prazer de ver nesta cidade, por altura da «Queima das Fitas» os

seguintes figueiroenses: cujos nomes agora nos ocorrem, srs. dr. Diniz de Carvalho, ex.ª esposa e gentil filhinha e Mademoiselle Maria Amélia Agria, dr. Fernando Morgado Moura e dr. Ernesto Lacerda; José Nunes; Juvenal Augusto Mendes, Armando Sérgio, sr. Jerónimo Rodrigues Pinhão e seu filho José José Rodrigues Pinhão.

As festas foram rijas, não?...

Rui Palma

A. S.